

A SOCIEDADE DISTÓPICA DE GEORGE ORWELL: UM EXAME DO LIVRO “1984”

*Camila de Sousa Nogueira**

*Juliana de Sousa Nogueira dos Santos***

*Felipe de Sousa Nogueira****

Orwell, George. 1984. Tradução de Sandro Ribeiro; Revisão técnica de Shirley Sodré. Ed. São Paulo: Pé da Letra, 2020.

A obra 1984, foi escrita pelo jornalista, ensaísta e romancista George Orwell, um pseudônimo do autor Eric Arthur Blair. O livro foi publicado em 1949 e no Brasil pela editora Edição Brasileira pela primeira vez no ano de 1955, ganhando várias publicações desde então. O livro utilizado na elaboração da resenha foi formulado pela editora Pé da Letra, trata-se de uma ficção científica distópica desenvolvida depois da Segunda Guerra Mundial, lembrando os governos totalitários surgidos durante esse período e os seus métodos como objetivo de controlar a sociedade.

O escritor, nasceu em Bengala, na Índia Inglesa, em 25 de junho de 1903, e passou por muitas influências ideológicas ao longo de sua vida, declarando-se socialista. Mas posteriormente ao perceber as atrocidades do regime que antes defendia, passou a ter aversão ao marxismo, logo após conviver com regime autoritário e conhecê-lo de perto. É a partir dessa nova visão, adquirida através da vivência,

*Graduanda em Direito pelo Centro Universitário Paraíso - UNIFAP de Juazeiro do Norte, Ceará.
E-mail: camila.sousa@aluno.fapce.edu.br.

**Graduanda em Direito pelo Centro Universitário Paraíso - UNIFAP de Juazeiro do Norte, Ceará.
E-mail: julianasousa@aluno.fapce.edu.br.

***Graduando em Direito pelo Centro Universitário Paraíso - UNIFAP de Juazeiro do Norte, Ceará.
E-mail: ifelipesn047@aluno.fapce.edu.br.

Justificativa: A resenha crítica do livro George Orwell 1984, busca nos mostrar uma sociedade dominada pelo Estado Totalitário, assim, a obra levanta temas como liberdade de expressão, livre pensamento, direito de ir e vir entre outras questões. Nesse sentido, o livro possibilita a reflexão desta distopia na sociedade atual, realizando um paralelo com o contexto em que vivenciamos. Os livros mostram o perigo e a facilidade que as gerações possuem de cair no totalitarismo. Nesse sentido, o trabalho buscou no direito o papel central de garantir e fazer valer os valores constitucionais fundamentais, notadamente os de primeira geração. Trata-se de uma pesquisa teórica com abordagem qualitativa, o procedimento adotado foi o estudo bibliográfico usando literatura, artigos e livros, baseando-se especificamente na publicação “1984”.

que o autor escreveu o livro 1984, esta literatura, embora seja considerada uma narrativa cujo gênero é enquadrado na ficção científica, muitas das ideias trazidas se mostraram um grande presságio e um alerta para a sociedade.

A obra é dividida em três partes, na primeira possui 8 (oito) capítulos, já na segunda parte há 9 (nove) capítulos, enquanto na terceira é composta por 6 (seis) capítulos. O modo narrativo é o narrador observador onisciente, pois a história é narrada ora na terceira pessoa como um observador que não participa ativamente da história, ora na primeira pessoa, como o personagem principal Winston Smith. Nessa exposição, é abordado também a sociedade e outras personagens que a compõem, no total o livro possui 352 (trezentos e cinquenta e dois) páginas.

Resumidamente, Winston Smith é um homem desconfiado da sociedade em que vive, e sempre observando com uma maior atenção as informações errôneas que o regime do Partido transmitia pela mídia. Ele trabalhava no Ministério da Verdade, que tinha como função reescrever as histórias, ou seja, produzir mentiras sobre fatos passados usando para isso inclusive documentos forjados, e apagando os autênticos, também é responsável em apagar qualquer referência às pessoas que “evaporaram”, consideradas infiltradas da terrível resistência. O personagem estava aos poucos ganhando consciência de si e do mundo, por isso se encontrava insatisfeito com toda a vigilância e a falta da vida privada, assim, nas horas livres tentava num ato de coragem, escrever no seu diário dentro do quarto num único e pequeno espaço escondido das “teletelas”.

Embora, pouco soube-se e sua memória não recorda-se dos tempos antigos, pois era na época ainda era criança, ele sabia que algo estava errado. É a partir da percepção racional que o personagem se atenta para algumas das manipulações midiáticas, que distorcem as notícias, os números e a própria linguagem. Logo se vê isolado, inicialmente temeroso pela própria vida, pois, se ele continuasse refletindo poderia ser denunciado e entregue ao Ministério do Amor, pelo crime de pensamento, que segundo ele “não era algo que se pudesse esconder para sempre” (ORWELL, 2020, p.25) é nesse Ministério que os presos são torturados e passam por uma lavagem cerebral.

Em meio ao enredo são apresentados outros personagens, dentre eles Julia, que acaba se envolvendo com Winston. É preciso destacar que o Partido não admitia que os casais criassem laços afetivos, tudo era em prol do Estado, inclusive o casamento, assim as uniões tinham como foco o bem social. No entanto, eles desenvolvem um relacionamento amoroso e para isso se encontravam às escondidas, mantendo a máxima discrição possível. Logo, ambos são chamados para

fazer parte do grupo tão temido pelos indivíduos que compõem essa sociedade distópica, qual seja, a resistência, tal se dá por meio de um outro personagem, o O'Brien.

Ele é um membro do alto escalão do governo, mas que se apresenta para o casal como um infiltrado da resistência, que está no Partido para convocar pessoas e trabalhar pelo fim do regime. Winston inicialmente o vê como o salvador e deposita em O'Brien a pouca esperança que lhe surge, mas, ele se mostra não ser o que parece, pois tanto Julia como Winston são traídos pelo mesmo e entregues ao Ministério do Amor. Como destaca (SCRUTON, 2015, p.7) “ a esperança, separada da fé e não temperada pela evidência da história, é um ativo perigoso, que ameaça não só aqueles que a abraçam, mas todos aqueles que estão ao alcance de suas ilusões”.

Assim, o casal é separado e passam por um procedimento de lavagem cerebral, chamado “DOBROPENSAR” que significa o poder de deter duas crenças contraditórias na mente de uma pessoa simultaneamente, aceitando ambas. Dessa forma, o objetivo é acabar com a capacidade do cidadão de “pensar por si só” , e que ele passe a duvidar da existência de qualquer verdade objetiva, ficando absolutamente dependente do governo. Ferindo, nesse sentido, os direitos essenciais ao homem como o livre pensamento (art. 5º, inciso IV, CF/88), a liberdade de expressão e lançando mão da ideia de jusnaturalismo (art. 5º, incisos IV e IX, CF/88).

O livro trata-se de uma distopia, marcada por uma sociedade na qual foi implementado um regime totalitário, por meio do domínio do Estado sob a vida dos indivíduos, através da obtenção de todas as informações e manipulação das mesmas, aliado a um controle e vigilância constante das pessoas. O Partido juntamente com líder maior denominado o Grande Irmão, está em todos os lugares: nos cartazes das lojas, nas ruas, nos trabalhos e nas casas. Assim, todos os indivíduos são controlados por eles, cada cidadão se sente consciente e inconscientemente observado, porque de fato o são, através do que o autor denominou de “teletela” durante as 24 horas do dia vigiados.

Desse modo, os indivíduos sempre precisam agir dentro dos limites impostos pelo Partido, logo a liberdade foi praticamente extinta. Além dos mecanismos eletrônicos de vigilância, há os demais membros que compõem a comunidade, destaca-se as crianças. Elas são treinadas para obedecerem sem qualquer questionamento às ordens do Líder maior, e a espionarem todos os indivíduos, inclusive os próprios pais, lhes entregando diante da mínima suspeita de desvio.

O Partido e mais precisamente o Grande Irmão são vistos como um corpo místico, eles se apresentam e são tidos pela sociedade como seres perfeitos, iluminados, superiores, que devem ser aplaudidos e obedecidos, pois são dotados de todo o conhecimento e os detentores da verdade. Nesse sentido, também é criado a figura do inimigo apontado como a resistência, assim, todo o problema que surgia tinha como justificativa a sombra desse mal, sempre apontado como o culpado pelas péssimas condições da sociedade e a liga para manter todos unidos e submissos ao Estado. Portanto, é o medo desse grande inimigo que se justifica os atos violentos e a constante vigilância.

Para que isso fosse possível, a sociedade teve que passar pela destruição da ordem anterior e assim, de todo o legado das gerações passadas, nas diversas áreas como a história, literatura, arte, e até mesmo em matérias como a matemática. Dessa forma, tudo o que lembrava o passado foi destruído, e conseqüentemente por não haver parâmetro pelo qual se deveria lançar o olhar sobre a realidade tudo o que o Partido dizia era uma inquestionável verdade. Logo, os cidadãos dessa sociedade chegavam a ter aspectos inerentes ao homem destruídos como os valores lastreados no bem, nas tradições religiosas e em qualquer ideia de transcendência, ou de verdade objetiva, tudo isso inexistia, até mesmo os sentimentos marcados pelo afeto e amor de uns para com os outros haviam sumido.

Nesse viés, o escritor, filósofo e comentarista cultural Roger Scruton destaca a importância da tradição passada de geração em geração ao longo de milhares de anos, verdades que resistem aos variados tipos de sociedade fixadas em diferentes lugares e ao tempo. Portanto, a geração necessita não só conservar para si o que já recebeu para o próprio bem, mas também visando o legado das futuras gerações, garantindo uma evolução social fundada em parâmetros objetivos sustentados pela realidade concreta e não em meros ideais imaginativos.

A tradição é justamente o que foi atacado na sociedade distópica de 1984, gerando a falta de balizas que alicerçaram as sociedades anteriores, e produzindo pessoas que não possuíam nenhum critério do que era o bem ou o mal, o verdadeiro ou o falso. Nesse sentido, esta narrativa não está muito distante da realidade na qual a sociedade moderna está caminhando, com ideias como o relativismo, corrente que prega não haver verdade objetiva no mundo, pois as questões que se apresentam ao homem são consideradas subjetivas. Segundo Santos (2018, p.2) trata-se de “uma corrente de pensamento baseada na relatividade dos conceitos, fatos e acontecimentos.”. Ele destaca na mesma página, que os filósofos, defensores e que originam a ideia do relativismo:

Excluem a razão, dando lugar à percepção, a observação, a intuição humana. A verdade ou falsidade é obtida por meio do que cada um percebe ou observa em meio aos fatos e objetos. Em seus pensamentos, a ontologia cede lugar para a imaginação, a experiência real racional se reduz a uma experiência baseada nos sentidos humanos, a objetividade não existe e, sim, a subjetividade.

Assim, não existe uma verdade válida para todos os seres, o conhecimento é subjetivo e portanto, não há critérios para se analisar o mundo, que será investigado por meio das sensações de cada indivíduo, e como ele percebe a realidade. Portanto, cada um tem sua verdade definida por si próprio. As consequências são justamente a falta de parâmetros, ou mesmo a noção de que existem ideias que estão mais próximas da realidade do que outras.

É em meio a perda de bases sólidas que o homem se sente perdido e se deixa seduzir pelo sentimentalismo. Justamente por isso, que os sentimentos e emoções são tão inflamados pelo Partido, nos programas diários e no denominado evento de expurgação onde os traidores eram mortos na frente de todos, aludindo a política do pão e circo presente na antiga civilização romana.

Nesse sentido, como afirma o slogan do governo “Quem controla o passado controla o futuro: Quem controla o presente controla o passado” (ORWELL, 2020, p.42), o regime de governo no livro 1984 faz isso para garantir seu poder até mesmo sobre a própria realidade. Com isso, o autor nos mostra o valor do legado que é passado entre as gerações por milhares de anos que ensinam valores, e trazem verdades, e que se não as preservarmos podemos ser facilmente dominados por um Estado totalitário, que controla a vida, a história e tudo o que é de mais essencial no ser humano.

Na atualidade, a maioria dos países são democráticos dentre eles, o Brasil onde é garantido à sociedade direitos tidos como de primeira geração, e portanto, inerentes às liberdades dos indivíduos, dentre outros preceitos essenciais previstos inclusive expressamente na Carta Magna de 1988. Mas, é preciso que se tenha sempre o cuidado de relembrar a história dos antepassados e aprender com ela para que não se repitam os mesmos erros. Pois, todo e qualquer povo se encontra constantemente vulnerável ao surgimento de estados totalitários, amparados na falta de referencial como demonstra a obra, assim, percebe-se que a ficção pode abordar com grande precisão a realidade, como afirma a expressão atribuída a Aristóteles “a arte imita a vida”.

Ainda as pessoas que demonstraram ser muito inteligentes eram eliminadas, mesmo aquelas que apoiavam o regime, como um personagem denominado Syme,

ele acreditava no Partido e trabalhava na nova língua falada, por ser grande conhecedor da linguagem, era responsável em criar novas palavras e significados, mas foi evaporado. Além de não haver referência e das pessoas com mais inteligência sumirem a falta de solidão, ou seja de momentos particulares e contemplativos levavam as pessoas a um estado de acriticidade, sem a percepção de si mesmos e do mundo ao seu redor. Ademais, outra marca que se mostra é a constante mudança provocada pela destruição e reconstrução de toda a linguagem, todos os conceitos eram destruídos e reconstruídos de acordo com a vontade e necessidade do Partido.

Dessa forma, com a dominação da linguagem, se tornou mais fácil controlar o que as pessoas pensavam, em um trecho do livro o autor afirma: “A cada ano, menos e menos palavras, e o alcance da consciência sempre um pouco menor” (ORWELL, 2020, p.61). Assim, a cultura clássica, ou seja, aquela que passa pelo crivo do tempo, são substituídas por culturas de baixo valor como as canções produzidas pelo governo, os jornais manipulados, filmes, programas de teletela, peças, romance, etc.

Nesse sentido, (VOEGELIN, 2008, p. 38/39) afirma que “uma vez que a linguagem humana estrutura a realidade e lhe concede sentido, o controle da linguagem é a conquista da mente”. Portanto, como Winston discorre “A Revolução estará completa quando a língua for perfeita” (ORWELL, 2020, p.61), ou seja, com a perda e o empobrecimento da língua a realidade se torna cada vez mais difícil de ser percebida pelos indivíduos, pois não haverá mais palavras para expressá-la. E num mundo tão amplo, cheio de dinâmicas complexas e interligadas, a linguagem simplificada restringe a compreensão do real e lança o homem muitas vezes em fantasias tolas e irracionais, ademais, essa limitação de conceitos também afeta o autoconhecimento, tudo isso gera o vazio que será preenchido pelas “verdades” do Partido.

Assim, a guerra é paz, a liberdade é escravidão e a ignorância é força; tudo o que é produzido foi manipulado, por documentos e argumentos bem colocados como afirma George Orwell, Winston ao perceber a grande estrutura “entrou em desespero ao pensar no enorme arrematado contra ele na facilidade com que qualquer intelectual do Partido o derrotaria em debate, nos argumentos sutis que não conseguiria entender muito menos confrontar.” (ORWELL, 2020, p.91). Por fim, mesmo sabendo a verdade e percebendo a manipulação, se a defendesse, não só seria considerado um inimigo mas também um tolo por defender que dois mais dois são quatro e que não poderia ser nem cinco nem seis muito menos sete e assim por diante. Portanto, qualquer esboço de reprovação ou crítica à realidade apresentada frente a uma verdade, é condenada.

O livro se mostra como uma advertência para que a sociedade moderna fique em alerta, e não percorra o mesmo caminho que adentraram na sociedade distópica do Partido. É notável que o escritor já estava, por meio de uma visão ampla e clara, baseando-se na sua vivência pessoal e na sociedade que se formava em sua época, indicando as consequências que poderiam advir no decorrer da história. Pois, por meio da literatura o autor consegue ir além do seu próprio tempo, e com base na leitura da realidade que se apresenta, prever muitas vezes ou ao menos dar um vislumbre do futuro.

Desse modo, essa ideia é um fato que se comprova frente aos vestígios que já estão presentes na sociedade atual. Trata-se do relativismo exagerado de ideias, a perda de padrões mínimos, empregando a nomenclatura criada por Bauman, uma Sociedade Líquida. Portanto, o livro é um clássico, interessante, bem escrito e com um ótimo enredo, ele se apresenta ainda mais relevante para esta geração, pois mostra que a luta contra o totalitarismo começa pela preservação da verdade e do livre pensamento devendo a Justiça ser um meio para promover e garantir a preservação desses direitos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Rideel, 05 out. 1988. p. 7-204.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SANTOS, Leonardo Lopes dos. *Filosofia na Educação: O Relativismo E Seus Impactos Na Educação Superior, Consequentemente na Formação Profissional e Humana das Pessoas*. Simpósio Pedagógico de Pesquisas em Educação, Rio de Janeiro, p. 1-12, 2018.

SCRUTON, Roger. *As Vantagens do Pessimismo: e o perigo da falsa esperança*. São Paulo: Realizações Editora, 2015. 207 p. Tradução de Fábio Farias.

VOGLI, Eric. *Reflexões Autobiográficas*. São Paulo: São Conquistas, 2008.